

62. Nossas aldeias não estavam preparadas

Agnaldo Narciso Monteiro

Olá, meu nome é Agnaldo Narciso Monteiro, sou da etnia Galibi-Marworno, nasci na Aldeia Kumarumã e atualmente moro na Aldeia Tukay. Estou atuando como profissional de saúde, sou técnico em enfermagem na Casa de Saúde Indígena (CASAI), no município de Oiapoque. Bom, vou falar um pouquinho da situação do novo coronavírus, de como chegou aqui nas comunidades indígenas e também dos impactos na minha vida pessoal, de como enfrentei esse vírus.

Devido ao meu trabalho de técnico em enfermagem tive que atender pacientes com o coronavírus e acabei sendo contaminado, passei 14 dias afastado do trabalho, sentindo os mesmos sintomas que as pessoas que atendia costumam sentir, porém, graças a Deus, eu tive sintomas mais leves. Logo voltei a atuar novamente na saúde indígena e a nossa maior preocupação era com a população indígena, com o grupo de risco. Temos vários pacientes diabéticos e hipertensos nas comunidades, então tivemos muita preocupação, em especial com as aldeias maiores, como Kumenê, Kumarumã e Manga.

A gente conseguiu amenizar a situação dentro das comunidades, os próprios indígenas combateram os sintomas do coronavírus com ervas medicinais, com medicamentos caseiros, xaropes caseiros, banhos caseiros que eles faziam com ervas. Com isso a gente conseguiu reduzir a morte dos nossos parentes por causa do coronavírus. Não vou dizer que não tivemos perda de parentes, a gente teve sim, teve situações onde perdemos vários parentes, principalmente os mais idosos. Esse vírus pegou todo mundo de surpresa, não só a população indígena, mas a população não indígena também. Nossas aldeias não estavam preparadas para receber um vírus como o coronavírus. A gente viu quando surgiu na China, logo depois chegou ao Brasil e, quando chegou aqui, no estado do Amapá, a preocupação foi com os indígenas, e foi aí que as lideranças se uniram e tomaram a iniciativa de fazer o bloqueio das comunidades, fazer o fechamento das aldeias, não deixando que ninguém da cidade entrasse nas comunidades. Foi uma medida preventiva que deu certo um tempo, mas sabemos que o vírus acaba se espalhando muito rápido e acabou chegando dentro das aldeias.

Hoje estou recuperado e atuando como técnico de enfermagem, ajudando os parentes lá na CASAI do Oiapoque. Creio que vai dar tudo certo, creio em Deus que a gente vai conseguir passar por mais essa e espero que a gente não perca mais nenhum parente para esse vírus que a gente está enfrentando. Obrigado!

Aldeia Anawera, Oiapoque, Amapá, Brasil

19 de julho de 2020

Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza